



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913

CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | [www.spdrj.com.br](http://www.spdrj.com.br) | [sindicato@spdrj.com.br](mailto:sindicato@spdrj.com.br)

CNPJ: 27.287.614/0001-52

# **DANÇAS DE MATRIZES AFRICANAS**

## **APOSTILA DE CONTEÚDO E REFERÊNCIAS PARA PROVA TEÓRICA**

## DANÇAS DE MATRIZ AFRICANA

### 1) Introdução

Importante entender que uma das grandes características da cultura africana é a oralidade. A oralidade, como ferramenta de registro, atingiu muitos campos da vida africana, o que deixou como legado para a dança, mesmo a afro-brasileira, uma grande lacuna quando falamos em sistematização ou mesmo um registro formal de um saber que há muito vem sendo repassado pelas vozes do corpo e do gesto. Para os africanos, segundo Cardozo (2006), “o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance”.

Entende-se Matriz Africana como uma identidade legitimadora de algo que tem sua origem no Continente Africano, logo uma dança de matriz africana, ou dança afro, é mais do que um conjunto de estereótipo tais como exótico, folclórico e sensual, pois ela perpassa desde a capoeira aos passos do maracatu do Recife, por representações dos mitos, bichos, elementos da natureza, ancestralidade, deuses, etc., porém, cabe destacar que as danças teatrais de matriz africana atuais no Brasil receberam forte influência de outros coreógrafos, bailarinos e companhias estrangeiras negras que passaram por aqui e, por isso, diante dessas influências, hoje, discute-se um novo conceito de Dança Negra (Contemporânea) de Matriz Africana.

Para melhor compreensão sobre os temas tratados nessa apostila se faz necessário compreender antecipadamente alguns conceitos e um pouco da história.

O que é dança? O que é Matriz Africana? O que são Danças de Matriz Africana? São conceitos que serão abordados de forma superficial para que possam realizar uma boa prova voltada para a obtenção do título de artista-bailarino em danças de matriz africana.

### 2) O que é Dança?

Antes de falarmos em Danças Negras de Matriz Africana é importante que se tenha em mente um conceito de dança que perpassará todo o conceito de dança de matriz africana trabalhada nessa apostila.

Como um fenômeno que nasce das primeiras manifestações de interação do homem com a natureza, há milhares de anos, a dança é considerada um ritual sagrado e um ritual social, pois está na origem de toda atividade humana e ocorre de forma tal que todas as pessoas têm possibilidade de dançar já que são capazes de sentir plenamente seu corpo e o utilizar para conhecer outros sentimentos e sensações. Entretanto, enquanto arte, a dança passou por transformações, evoluções e aceitações, surgindo com as danças primitivas, evoluindo para as danças folclóricas, se estabelecendo com o balé Clássico, o Neoclássico, se transformando com a dança moderna e expressionista e quebrando paradigmas com a dança contemporânea.

A dança, durante muito tempo, foi dividida em étnica, folclórica e teatral, contudo, como forma de entender a gênese da dança no mundo, Gariba e Franzoni (2007), inicialmente, classificaram-na da seguinte forma:

- i) Danças Raciais: primitivas;
- ii) Danças étnicas: étnica e popular;
- iii) Danças de Recreação: Jazz amador, Danças de Salão e Ginástica Rítmica;
- iv) Danças de Espetáculo: Música Hall, Dança Clássica e Clássico Amador;
- v) Danças de Expressão: Teatro, Educação e Lazer e Dança Contemporânea;

Porém, com atualização de suas pesquisas e com uma nova proposta inovadora, Gariba e Franzoni, propõe uma nova estruturação, a partir de três motivações, que seguem abaixo:

- i) Expressão: Teatro, dança contemporânea, educação, lazer, danças populares brasileiras, folclóricas (regionais), dança de rua e danças primitivas
- ii) Recreação: Danças amadoras, de salão, ginástica rítmica, jazz (amador), danças populares brasileiras, folclóricas (regionais) danças de rua, Danças primitivas.

- iii) Espetáculo: dança clássica, danças populares brasileiras, danças folclóricas (regionais), danças de rua.

### **3) Danças de Matrizes Africanas**

Segundo Ligiéro, Zeca (2011), entende-se Matriz Africana como uma identidade legitimadora de algo que tem sua origem no Continente Africano. Portanto, apesar de ser praticamente inédita nos estudos de coreologia (SABINO e LODY, 2011), pode-se considerar que todas as danças folclóricas, religiosas ou teatrais que levam em sua essência a corporalidade negra e, em se tratando de Brasil, numa compreensão generalista, quando se fala em dança afro se está denominando práticas trazidas pelos africanos escravizados, que foram reelaboradas e transformadas aqui, um país colonizado.

De acordo com Monteiro, Marianna (2006) “uma dança de matriz africana, ou dança afro, é mais do que um conjunto de estereótipo tais como exótico, folclórico e sensual”, ou seja, ela perpassa desde a capoeira aos passos do maracatu do Recife, por representações dos mitos, bichos, elementos da natureza, ancestralidade, deuses, etc.

No Brasil, o que mais caracteriza essa corrente, enquanto dança teatral de matriz africana, é a Dança Afro-Brasileira, que foi estigmatizada durante muito tempo, como “gueto de negro” no mundo da dança.

Cabe destacar que as danças teatrais de matriz africana no Brasil também receberam forte influência de outros coreógrafos, bailarinos e companhias estrangeiras, negras, que passaram por aqui, tais como: Josephine Baker, a “Vênus de Ébano”, em 1929, 1952 e 1963; Katherine Dunham, a “embaixatriz da arte negra das Américas”, em 1950; O American Dance Theatre Alvin Ailey, em 1963, e, já como Alvin Ailey Dance Theatre, em 1978, (SUCENA, 1983) e em outras ocasiões desde então; além de Companhias vindas de países do Continente Africano.

Outro que muito influenciou as danças de matriz africana, ou dança negra brasileira, foi Clyde Morgan, na Universidade Federal da Bahia. Nascido nos EUA, Clyde Morgan estudou balé clássico, dança moderna com José Limón e dança

africana com Babatunde Olatunji. Em 1971 instala-se na Bahia, onde integra o corpo docente da Escola de Dança da UFBA e passa a dirigir o Grupo de Dança Contemporânea da UFBA até 1978 (OLIVEIRA, 2007) quando se afasta da universidade, mas permanece no Brasil.

Entretanto, numa perspectiva mais atual devemos nos questionar em como se pode falar de uma dança afro e não de diversas danças africanas, quando a África é um continente (SILVA, 2002) com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, 54 países independentes, mais de 1 bilhão de pessoas, com diversas e diferentes culturas?

Assim como diversas outras modalidades de dança que interagem com o mundo, atualmente no Brasil as Danças de Matriz Africana, ou danças afro, estão subdivididas em:

- a) dança Afro-brasileira, criada por Mercedes Batista;
- b) dança afro–primitiva, onde os bailarinos trabalham a emoção acima da razão, e por isso se percebem como mais "puros" e "autênticos" do que os outros grupos de dança afro e onde procura-se trabalhar somente com dançarinos negros;
- c) dança afro–moderna e afro–jazz, que através das técnicas da dança clássica, dança moderna ou do jazz valorizam a técnica definida e a "disciplina" na preparação dos bailarinos, se preocupam com a beleza "plástica" e "estética" e não valorizam tanto as qualidades inatas dos indivíduos, onde dançam negros e brancos;
- d) dança afro–contemporânea, que se compõe de bailarinos brancos e negros, trabalha com as questões raciais e sociais atuais e se utiliza de todos os recursos das artes contemporâneas para desenvolver seus trabalhos.

Se na arte o clássico, o impressionismo, o expressionista, o moderno e o contemporâneo são uma questão de história, não de qualidade, como fala Louis (1992), então porque falar de subdivisões numa dança étnica teatral, principalmente

quando é muito forte a dança dos afro-brasileiros que revive e perpetua uma simbologia histórica e carregada de significados de sua identidade étnica. O que se apresenta é um corpo negro que se mostra presente no mundo, seja através da dança, do teatro, da estética, fundamentado em seus ritos e em seu passado, pois, quando não se permite levar essa realização plena de dentro para fora, fica-se apenas uma identidade externa, quase sem vida, apenas um símbolo da dança, muito falado por Louis (1992), o que não é o caso da proposição de uma Dança Negra.

Importante destacar que no Brasil o uso do termo dança negra passou a ser utilizado pelos produtores das danças afro nos últimos anos, como descreve Ferraz (2012) em seu trabalho acadêmico.

Ao falar em uma Dança Negra de Matriz Africana deve-se pensar que esse é um conceito guarda-chuva, que envolve:

- (i) um conjunto de construções coreográficas, de variados locais, principalmente de locais onde haja grande influência de descendentes do continente africano;
- (ii) culturas diversificadas, a partir de suas adaptações colonizadoras, e
- (iii) objetivos diferentes; e,
- (iv) também, com coreógrafos com formações, culturas e experiências distintas, principalmente raciais ou sociais. (ANDREOLI, 2010)

Cabe lembrar que uma das marcas fundamentais de qualquer dança contemporânea, segundo Siqueira (2006), é a diversidade, então, assim como na dança moderna, nas “danças afro” a intensidade do sentimento, tão fortemente presente na corporalidade negra, comanda a intensidade do gesto, do movimento (BOUCIER, 2001), ou seja, pode-se entender que uma Dança Negra de Matriz Africana, ou Dança Negra Contemporânea, é diversa, intensa e carregada de símbolos, memórias, experiências e valores estéticos de uma sociedade afro descendente.

Sendo a dança uma forma de comportamento humano, tudo o que repercute no comportamento repercute na dança, (LOUIS, 1992), ou seja, onde no espaço chamado corpo, o interior e o exterior são uma coisa só. Onde as visões dos antepassados, são operadas por esse corpo que dança, suas memórias dançam nesse corpo que agora habitam (GIL, 2013).

Então, além de compreender os conceitos acima citado, se faz necessário que os futuros artistas-bailarino de danças de matriz africana tenha também conhecimento histórico de diversas técnicas, ou metodologia, ou estilo, de danças que compõem a pluralidade das danças que compõem esse grande guarda-chuva chamada “Danças de Matriz Africana”.

Especificamente para esse momento traremos um pouco da história da Dança Afro-brasileira, a técnica atualmente mais praticada no Rio de Janeiro.

#### **4 - Danças religiosas de matriz africana**

A Movimentação na Dança Afro-brasileira “As especificidades da dança afro são justamente essa trajetória que ela realiza a partir da tradição oral africana, resguardando elementos do drama ritual (homenagem aos deuses, à natureza, ao líder, ao cotidiano), e como qualquer dança local de qualquer comunidade é representada principalmente pelos movimentos advindos dos rituais (não necessariamente os religiosos, mas sim os culturais), acompanhados por forte influência dos instrumentos e ritmos africanos.”

De acordo com Cardozo (2006), “Dança afro são os movimentos corporais ritmados que performatizam elementos das matrizes tradicionais orais africanas.”

Assim como a dança afro-brasileira, sistematizada por Mercedes Baptista, que teve por base os movimentos realizados nos cultos do Candomblé, religião essencialmente africana, onde a dança é parte integrante e inerente ao culto religioso, essas mesmas danças ritualísticas, transportada para os palcos, tais como a dança dos orixás, os deuses da cultura yorubá, constitui então uma das principais bases coreográficas da dança afro, mas não se reduzindo a ela.

Uma vez no palco, a dança, que em sua origem é dançada em roda e nos espaços delimitados dos terreiros e casas de santo (SABINO;LODY, 2011), ganha um caráter performático, completamente diferente do religioso e o que antes era o candomblé ou a incorporação de um filho de santo, passa a ser a representação do candomblé, a representação da incorporação de um filho de santo (LIMA, 1995). A conexão com a religiosidade passa a se dar apenas no nível do embasamento coreográfico, mesmo este sofrendo todas as mudanças necessárias para fazer da dança afro uma dança cênica, uma dança de palco.

As danças dos orixás são parte integrante do culto religioso do candomblé. A dança dos orixás demonstra e ilustra a conexão com as divindades, representa o movimento e as histórias dos deuses em seu aspecto divino e em seu contato com o mundo humano. O panteão de orixás do candomblé, no Brasil, conta com mais de 10 principais deuses que são aqui cultuados, cada um deles com personalidades e histórias distintas, o que influencia diretamente em sua representação cênica através da dança. Os pés de dança, como são chamados (SABINO;LODY, 2011), representam as características coreográficas detalhadas de cada orixá. A representação do orixá torna-se então diferenciada no culto e no palco. No culto, ela é dançada pelos membros da comunidade religiosa, com seus corpos distintos e não necessariamente com treinamento específico de dança, limitando-se ao enfoque religioso e ritual do movimento dançado. Para o palco, a movimentação de cada orixá foi trabalhada por Mercedes Baptista durante sua pesquisa de construção da técnica da dança afrobrasileira, o que dá à movimentação singularidades específicas a serem desenvolvidas pelo corpo treinado do bailarino. As danças dos orixás são executadas sob um ritmo específico para cada divindade do panteão africano e cada uma terá traços coreográficos próprios. As coreografias das danças dos orixás remetem à mitologia de cada orixá, representando seus feitos, suas características individuais, suas histórias. Os orixás são comumente representados cenicamente portando uma ferramenta, uma espécie de insígnia que “identifica o caráter, a função e a história dos orixás” (SABINO;LODY, 2011).



## 5) Dança Afro-Brasileira

A dança afro como uma técnica corporal já é reconhecida e praticada há muito tempo. Pode-se pensar na dança afro como uma inauguração da dança moderna brasileira nos idos dos anos 50 e 60.

A dança afro-brasileira é então fruto das práticas trazidas pelos escravos africanos para o Brasil e que foram reelaboradas e transformadas na América Portuguesa (MONTEIRO,2011), que em meados do século XX tomam forma e caráter cênico.

A técnica de dança afro-brasileira como se conhece hoje foi sistematizada por Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro ainda nos anos 40.

A partir da necessidade de criar espaço para um corpo negro em cena, frente às dificuldades encontradas para subir no palco do Teatro, Mercedes iniciou uma fusão entre a dança realizada pelas pessoas nas ruas, seus conhecimentos de clássico e moderno, adquiridos de seus estudos com Katherine Dunham em Nova York (CAMINADA, 1999, p. 423) e as informações recebidas sobre religiosidade durante suas pesquisas. Tudo isso fundido de maneira “autodidata” (MELGAÇO, 2007, p. 40). Dessa forma nasceu a dança afro de Mercedes Baptista.

Como relata Monteiro (2011) “Mercedes propôs uma leitura peculiar da cultura afro-brasileira e situou a dança em novas bases. A dança afro de Mercedes Baptista configurou-se como uma prática, um estilo, um repertório de práticas e danças em ruptura com o balé clássico e completamente identificado com os novos parâmetros da dança moderna, mas tendo como referência a tradição africana tal qual se configurava no Brasil”.

A dança afro, tal qual foi sistematizada por Mercedes Baptista, se constitui por influências diversas. Tendo sido bailarina de formação essencialmente clássica, levou para a sua dança alguns dos preceitos do balé clássico, mas sobretudo, o conhecimento adquirido sobre dança moderna e a influência das danças de matrizes

africanas, com as quais teve contato inicialmente durante o período em que estudou dança moderna com Katherine Dunham, em Nova York.

Katherine Dunham foi uma pesquisadora norte americana que trabalhou com a dança de matriz africana no Caribe e no Haiti aliada à dança moderna e que convidou Mercedes Baptista, então bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a estudar dança junto a sua companhia. Mercedes passou um ano e meio nos EUA estudando dança e retornou ao Rio de Janeiro em 1951 com toda a bagagem artística e cultural adquirida com Katherine Dunham.

Na época, o palco do Teatro Municipal ainda não era o mais receptivo para uma bailarina negra e ela então começa a pesquisar, com a ajuda fundamental de figuras religiosas como Joãozinho da Golméia, Paulo Conceição, Gilberto de Jesus, Fu-Manchu e Humberto, a religião africana no Brasil e como ela se dava em termos de dança. Mercedes havia experienciado, a partir das pesquisas de Katherine Dunham, a dança de matriz africana que se dançava no Haiti e no Caribe e que percebeu, não funcionaria aqui (MELGAÇO, 2007, 39-41).

As manifestações afro na dança surgem dentro de um contexto maior, o contexto de um projeto nacional para a cultura brasileira, iniciado com o governo Vargas e que visava a valorização do que poderia ser genuinamente nosso, algo, ou algumas coisas, dentre elas a dança, que nos unificassem como nação (PEREIRA, 2003).

A dança afro levada para a cena, com corpos negros e uma técnica que deu à dança de matriz africana um lugar no palco, aparece então com o sentido de reafirmar a cultura afro-brasileira, nacional portanto, na cena artística nacional e internacional através da dança. O popular e o folclórico ganharam espaço cênico a partir das décadas de 30 e 40 e a dança afro como foi sistematizada por Mercedes Baptista veio a legitimar, mesmo que posteriormente ao governo Vargas, essas iniciativas de representar com dança e através dela o que seria realmente nacional.

A dança afro se torna, então, pelo trabalho de Mercedes Baptista, espetáculo, objeto de apreciação estética. “A dança afro incorpora a dança dos orixás sem o

caráter ritualístico ou litúrgico dos candomblés, adaptada para o palco a partir do terreiro. Nesse processo mudam-se os objetivos: a dança não é mais instrumento para se atingir o transe religioso o que torna os movimentos repetitivos ao som dos atabaques. A coreografia constrói uma grande variedade de movimentos corporais em rápida sequência procurando ocupar todos os espaços do palco. A mesma lógica se aplica à dança do maracatu, lundu, jongo, cafezal, caxambu, que também fazem parte da base coreográfica da dança afro.” (LIMA, 1995).

A dança afro-brasileira tem por características marcantes a força em seus movimentos, a grande agilidade na execução dos passos e a sensualidade, que é algo natural dos povos africanos.

## **6 - Conclusão**

Assim, podemos entender que a movimentação executada nas danças afros, assim como nas técnicas de dança moderna, como, por exemplo, a preconizada por Nina Verchinina (CERBINO, 2010), o corpo move-se como um todo, a partir de uma ancestralidade presente, de um conjunto de informações sociais e corporais adquiridas com a existência de ser negro. Não há partes esquecidas, toda a estrutura corpórea, sensorial e emocional estão presentes e ativas durante a movimentação cênica.

Por fim, concluímos que a dança de matriz africana deve ser entendida e utilizada como uma linguagem corporal socialmente contextualizada, que conta histórias, que descreve vivências, recria o mundo a partir das experiências negras.

## **7 - Referências**

- CAMINADA, Eliana. História da Dança – Evolução Cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- CARDOZO, Kelly, A. Dança Afro: O que é e Como se Faz! Minas Gerais, 2006. 15 f. Monografia (Especialização em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.
- CERBINO, Beatriz. Nina Verchinina e a construção de um corpo expressivo. O Percevejo Online – Volume 02 – Número 02. UNIRIO, 2010.

- LIMA, Nelson. Dando conta do recado - A dança afro no Rio de Janeiro e suas influências. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- MARQUES, Ana Clara Guerra. A Alquimia da Dança. Luanda: Edições CC, 1999.
- MELGAÇO, Paulo. Mercedes Baptista, a Criação da Identidade Negra na Dança. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.
- MONTEIRO, Luiz Carlos. “Dança Negra Contemporânea: um conceito evolutivo para a Dança Afro-Brasileira”. – Revisão Bibliográfica. Monografia (Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Dança e Consciência Corporal). Universidade Estácio de Sá, 2011.
- MONTEIRO, Marianna. F. M. . Dança Afro: Uma Dança Moderna Brasileira. In: NORA, Sigrid e SPANGHERO, Maíra. (Org.). Húmus 4. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011, v., p. 51-59.
- PEREIRA, Roberto. A Formação do Balé Brasileiro. Rio de Janeiro: 2003. Editora FGV